

Bancários querem plano de saúde na Convenção Coletiva

Contratos truncados, burocracia e dificuldades para atendimento na rede credenciada são alguns dos problemas enfrentados pelos usuários de planos de saúde. Os bancários lutam para que a assistência médica seja incluída na Convenção Coletiva 2008, que começa a ser negociada entre patrões e empregados neste mês. Segundo o representante do Espírito Santo no Comando Nacional dos Bancários, Idelmar Casagrande, por não constar na Convenção, cada banco oferece um plano diferente. "É necessário que sejam estipulados critérios comuns que atendam às necessidades da categoria como um todo", afirma.



Cassi - Burocracia e descaso

Bancária do Banco do Brasil há 21 anos, Márcia Assunção, viveu uma tragédia familiar. Em setembro de 2006, ela perdeu seu filho de 17 anos por conta de um câncer no cérebro. E agora luta para que a Cassi arque com as despesas do tratamento feito nos EUA.

Segundo Márcia, após o diagnóstico do câncer, seu filho passou por cinco cirurgias no Brasil. Entretanto, os médicos informaram que não havia mais recursos para o tratamento da doença no país. "Como havia uma instrução do BB com a garantia de que, caso não houvesse recursos de cura no país, a Cassi custearia o tratamento no exterior, reuni os laudos e dei entrada no pedido de tratamento nos EUA", conta.

Entretanto, a Cassi alega que o tratamento realizado

nos EUA era experimental e, por conta disso, não seria coberto pelo plano. A despesa, cerca de US\$ 500 mil, não foi paga pela Cassi e a bancária corre o risco de perder seus bens para saldar a dívida. "A Cassi pagou os medicamentos, mas não cobriu as despesas com hospedagem e hospital", explica Márcia.

A bancária agora luta na Justiça para que a Caixa de Assistência cubra as despesas. Segundo Márcia, o juiz responsável pelo caso determinou peritos indicados pelo Banco Brasil, pela Cassi e pela família para verificar se o tratamento era ou não experimental.

A frieza dispensada pela Cassi e pelo BB na resolução do problema também é criticada por Márcia. "Sou tratada como um número e não como uma funcionária que ajuda a construir o banco", desabafa.

Saúde Caixa - Faltam especialistas

A funcionária da Caixa Econômica Federal Maria (nome fictício) enfrenta problemas com o Saúde Caixa. Seu drama teve início após descobrir que seu filho H., à época com 12 anos, possuía uma neurofibromatose tipo 2 (desenvolvimento de tumores benignos) no cérebro e na coluna vertebral. Desde então, H. já foi submetido a três cirurgias.

Segundo a bancária, por se tratar de uma doença incomum, não há especialistas credenciados para o tratamento de seu filho e a CEF se nega a arcar com os custos do tratamento. "Só para se ter uma idéia, apenas as despesas com médicos da última cirurgia ficaram em R\$ 55 mil, enquanto o reembolso da CEF para os médicos credenciados é de R\$ 1.200,00. Que especialista faria 12 horas de cirurgia por

R\$ 1.200,00?", questiona.

Para custear o tratamento necessário a seu filho, Maria teve de fazer um empréstimo de R\$ 30 mil com amigos, além de rifar um terreno. "Cheguei a ir até Brasília para pedir ajuda à CEF, mas consegui apenas um empréstimo", conta.

Por meio de uma liminar, Maria conseguiu que a CEF cobrisse as despesas da última cirurgia de seu filho. A bancária também acionou a Justiça Federal para que, de agora em diante, a Caixa arque com as despesas médicas de seu filho e reembolse os gastos já efetuados. "Só estou pedindo o que me é de direito. Muito me orgulharia se eu pudesse dizer que trabalho em uma empresa que valoriza seus funcionários, mas, infelizmente, esse não é o caso da Caixa", desabafa.

Bradesco se nega a pagar por tratamento psiquiátrico

O Bradesco, o banco que se diz completo, não trata seus funcionários com o devido respeito. As metas abusivas e a pressão por resultados a que estão submetidos os bancários do Bradesco, e da maioria dos bancos, geram problemas psiquiátricos e psicológicos graves. Entretanto, o plano de saúde oferecido pelo banco a seus funcionários, o Bradesco Saúde, não cobre o tratamento dessas doenças.

A bancária Lucimar Barbosa necessitou de tratamento psiquiátrico e foi surpreendida quando recebeu a fatura. Segundo Lucimar, o Bradesco não disponibilizou o contrato do plano de saúde e, portanto, ela não tinha ciência dos procedimentos médicos cobertos pelo plano. "Só tive acesso ao contrato do plano após acionar o Procon. Em vez de cobrir o tratamento o banco me ofereceu um empréstimo", explica.

A situação vivida por Lucimar se repete com frequência, pois problemas

psiquiátricos e psicológicos são cada vez mais comuns entre os bancários.

Segundo a diretora do Sindicato dos Bancários/ES, Bernadeth Martins, além da rotina de trabalho e do risco de assalto e seqüestro aos quais estão expostos os bancários, o assédio moral figura como uma das principais causas de problemas psicológicos na categoria. "Há um novo tipo de assédio moral, um assédio organizacional, relacionado ao cumprimento das metas, ao qual todos os funcionários do banco estão expostos", explica.



Sérgio Cardoso

Lucimar não teve acesso ao contrato do Plano de Saúde

Para Bernadeth é incompreensível que um plano de saúde não cubra tratamento psiquiátrico e psicológico. "O bancário trabalha no limite. A pressão pelo cumprimento de metas pode gerar distúrbios psíquicos como estresse pós-traumático, síndrome do pânico, entre outros", diz.

Segundo levantamento feito pela Secretaria de Saúde e Condições de Trabalho do Sindicato, os planos de saúde oferecidos pelos bancos Real, Santander, Mercantil do Brasil, HSBC e Unibanco também não cobrem tratamento psicológico.

SUS garante cobertura integral

Apesar de não ser devidamente valorizado pelo Governo Federal, o SUS garante tratamento integral, igualitário e com controle social a todos os brasileiros.

Segundo a diretora do Sindicato dos Bancários/ES Bernadeth Martins, há tratamentos oferecidos pelo SUS que nenhum plano de saúde privado cobre. "Doenças como HIV, diabetes, câncer, cardíacas e outras de alto custo medicamentoso só são tratadas pelo SUS. Mas para melhorar o atendimento, já que a demanda é muito alta, é preciso lutar para que sejam garantidos o controle social e o aumento das verbas para a saúde", defende.

Veja como funcionam os planos de saúde oferecidos por outros bancos

BANESTES

O Banescaixa, plano do banco, sofre com a falta de profissionais em sua rede credenciada e os funcionários pagam por 30% do valor dos exames realizados. Todas as decisões relacionadas ao Banescaixa são tomadas pela diretoria.

BANCO REAL

Tem um convênio com a Unimed e, além da mensalidade, cobra uma co-participação do funcio-

nário de R\$ 9,00 a cada consulta.

ITAÚ

Tem um convênio com a Unimed e os funcionários que fizerem mais de 7 consultas por ano pagam R\$ 5,80 por consulta.

HSBC

Tem convênio com a Unimed e a SulAmérica. Os funcionários optam pela operadora do plano e o número de consultas por ano é limitado.

Regulamentação de planos de saúde é recente

O mercado de planos de saúde começou a se desenvolver, no Brasil, nas décadas de 40 e 50, quando empresas do setor público reverteram recursos próprios e de seus empregados para financiar ações de assistência à saúde.

Em 1988, a Constituição Federal permitiu a oferta de serviços de assistência à saúde pela iniciativa privada, sob o controle do Estado.

Entretanto, a regulamentação desse sistema de saúde só se deu em junho de 1998, quando foram instituí-

das diversas garantias aos usuários, tais como: a criação da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS); tornar obrigatório às operadoras o oferecimento do Plano Referência e submeter à aprovação do governo os índices de reajuste anuais.